



IAIÁ, VALÉRIA E ESTELA: AS PERSONAGENS FEMININAS EM *IAIÁ GARCIA*, DE MACHADO DE ASSIS

Rodrigo Corrêa Martins Machado¹
Thaís Fernanda da Silva²

Resumo:

As obras de Machado de Assis são de grande relevância para a Literatura Brasileira, pois apresentam, entre outros fatores, grandes inovações estéticas. O romance *Iaiá Garcia*, de cunho psicológico e social, relaciona-se entre a primeira e a segunda fase de escrita desse autor, fornecendo figuras femininas delineadas, que desejam fazer valer suas vontades num contexto patriarcal do século XIX. O presente artigo visa analisar as três personagens de maior importância nesta obra: Valéria, Estela e Iaiá, já que as três encaminham e estruturam todo o romance, revelando uma nova postura de mulher, diferente daquela esperada para o período em questão.

Palavras-Chave: figuras femininas, Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, romance machadiano.

1 Mestrando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, UFV-MG.

2 Mestranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, UFV-MG.



Iaiá, Valéria and Estela: The female characters in Iaiá Garcia by Machado de Assis

Abstract:

Machado de Assis' work is of extreme relevance to Brazilian Literature, shows esthetic innovations, being Iaiá Garcia the one work which relates the first to the second phase of this author's writing. We aim to analyze the most relevant three characters in the work: Valéria, Estela and Iaiá, once the three lead and give the structure to the whole novel. Valéria is a highly controller woman, disguised and who wants everyone subordinated to her. Estela lives with Valéria, is submissive to the wills of her protector; she is proud. The main character, Iaiá, starts the novel as a sweet girl, but as the story goes, she becomes a serious grown woman, learns to dissimulate. These three characters have too distinguished characteristics, which makes the study of them relevant, once it proves, also, how Machado was already initiating the creation of a psychological novel.

Keywords: female figure, Machado de Assis, Iaiá Garcia, machadiano novel.





As mulheres machadianas

O que une as mulheres ultrapassa, em muito, as diferenças entre elas
(PISCITELLI, 2004)

No presente artigo, objetivamos analisar as três personagens femininas de maior importância no romance machadiano, *Iaiá Garcia*: Valéria, Estela e Lina Garcia (Iaiá). As três personagens são as responsáveis pela trama, pois a partir de determinadas ações, exercidas por cada uma delas, é que se dá toda a história. Para a análise abordaremos, primeiramente, o conteúdo histórico a que o autor e sua obra estão inseridos, para posteriormente analisarmos as personagens.

Machado de Assis iniciou sua carreira de escritor com romances românticos como *Helena*, *A Mão e A luva* e *Iaiá Garcia*, porém se tornou mais conhecido ao desenvolver de forma hábil uma prosa realista, repleta de complexos retratos psicológicos e sociais da sociedade carioca da época, que destoavam da idealização romântica e dos exageros cientificistas dos outros autores do Realismo- Naturalismo.



Figura 1. O romancista, Machado de Assis.

Iaiá Garcia, publicado em 1878, talvez possa ser considerado um romance que se situa numa fase de transição entre o romantismo e as tendências realistas machadianas, uma vez que nessa obra observamos traços de representação da sociedade da época, os jogos de interesses característicos da burguesia, os casamentos arranjados, além de desenvolvimentos psicológicos e sociais na construção dos personagens. Curiosamente, a obra fornece ainda, a presença de aspectos românticos que se relacionam aos aspectos realistas, fator que contribui com que muitos críticos caracterizem esse romance como pertencente a primeira fase machadiana, isto é, à fase romântica.

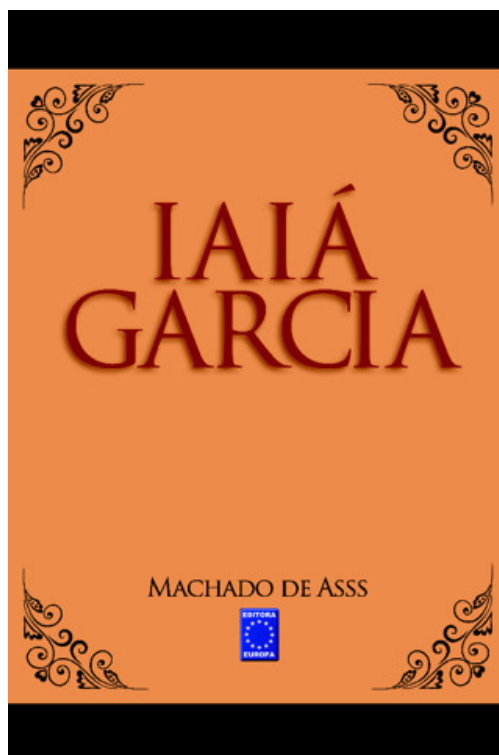


Figura 2. Capa do romance, Iaiá Garcia, de Machado de Assis.

A obra em questão trata de conflitos humanos: relações de poder, paixões, ciúmes, conveniências. A temática do casamento é frequente, embora não esteja relacionada necessariamente à ideia de amor. As personagens nesta obra estruturam seus arranjos matrimoniais em torno da ideologia moral, isto é, o perfil ficcional desenvolvido - principalmente pelas personagens femininas - caracteriza-se por um instinto de retidão e servidão à moral e aos bons costumes.

Machado de Assis compõe sua obra utilizando a cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX, como pano de fundo, reproduzindo personagens que refletiam o modo como a sociedade burguesa vigente da época vivia, e se relacionava. Por outro lado, é preciso considerar ainda, o fato de que essa representação presente no romance é condicionada pelo ponto de vista de uma figura masculina que é o narrador, fator que implica a retratação feminina sob os olhares de uma concepção de homem, num período pautado pelos preceitos patriarcais.



Ao considerarmos certos aspectos do autor, como, por exemplo, a ligação entre Literatura e História, observaremos que essas personagens podem refletir a realidade social à qual estavam submetidas, o papel “desempenhado pelas personagens femininas no romance machadiano corresponde ao papel social da mulher no século XIX” (FERNANDES, 2005, p. 66).

Alfredo Bosi (2008) mostra-nos características que se referem à vida social feminina de Machado. Segundo ele, algumas dessas mulheres buscam tirar proveito das relações afetivas para obter sucesso. Elas vivem, inicialmente, em situações desfavoráveis e depois, buscam melhores condições ao se prender nos casamentos por interesse. Para a mulher machadiana, a relação amorosa é uma possibilidade de ascensão social.

Além disso, a presença da mulher na literatura machadiana traz à tona a já conhecida discussão sobre o significado de ser mulher. As inquietudes psicológicas e a luta por se ajustar ao meio em que vive são um dos muitos traços que caracterizam as figuras femininas de *Iaiá Garcia*. De acordo com Nelly Novaes Coelho,

[...] Normalmente as mulheres perguntavam cada uma por si mesma; pois, em outras épocas, dava-se por suposto o que é mulher; as mulheres acreditavam saber o que era ser mulher (ou o que devia ser). (...) inclusive o que era mulher exemplar pareceu óbvio na maioria das épocas. (...) Ao lado da pergunta que cada mulher faz a respeito de si mesma, singularmente, há uma questão prévia: Que quer dizer ‘ser mulher’? Que significado tem? [...] (COELHO, 1993, p. 13).

Ainda sobre o significado de ser mulher, sob a ótica da filósofa existencialista Simone de Beauvoir (BEAUVOIR, 1985, p. 52), analisar os papéis sociais desempenhados pelas mulheres na literatura, significa também “[...] estudar a forma pela qual a mulher realiza o aprendizado de sua condição, como ela a vivencia, qual é o universo ao qual está circunscrita”.

Levando em consideração que o patriarcalismo era a organização familiar vigente na sociedade da época, a mulher estava submissa ao homem e, talvez, por isso, sua imagem e representação estivessem, constantemente, atreladas a submissão, ao anulamento e a forte dependência da figura masculina. Outro aspecto que vale ressaltar é o fato de que, no século XIX, a sociedade brasileira sofreu muitas transformações significativas - como



na cultura, na política, nos costumes e na arte, por exemplo - que contribuíram para a implantação do capitalismo e do crescimento da urbanização, por isso houve mudanças nas estruturas familiares e sociais que permitiram novas formas de convivência. Isso implica no fato de que as mulheres ganharam um pouco mais de liberdade em relação à que antes tinham, ganharam novas formas e possibilidades de viver e de amar, como as representadas em *Iaiá Garcia*. No romance, não há só o casamento por convenção – com era de costume antes – mas há também a valorização dos sentimentos e da escolha pessoal de união, traços vistos na personagem que dá nome ao livro, justamente por ela ter se casado muito mais por amor do que por interesse.

As personagens femininas criadas nas obras machadianas são “figuras sócio-literárias que refletem (...) a posição da mulher na sociedade burguesa, as mudanças ideológicas ocorridas e como tudo isso influenciou no comportamento dessas mulheres” (FERNANDES, 2005, p. 67).

Maria Ângela D’Incaro (1989) diz sobre essas mudanças sociais:

Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maturidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido e às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo, representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Verdadeiros emblemas desse mundo relativamente fechado, a boa reputação financeira e a articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo marcaram o processo de urbanização do país (D’INCARO, 1989, p. 50).

Com todas essas mudanças, a mulher ganha novas atribuições, juntamente com maior liberdade. Na obra em questão, as mulheres ainda são mostradas como solitárias, solteironas (como a ama de leite de Iaiá), viúvas, que buscam a felicidade das pessoas que estão ao seu redor - de seus protegidos.

Gilberto Freire (1990) aponta que:

Com esse tipo semipatriarcal de vida mais mundana para a gente elegante de sobrado, alargou-se a paisagem social de muita Iaiá brasileira no sentido de maior variedade de contatos com a vida extradoméstica. Esse alargamento se fez por meio do teatro, da janela, do estudo da dança, de música de francês (FREIRE, 1990, p. 111).



As personagens machadianas contribuem para a revelação de um autor que transpôs para a literatura, traços de estilo diferentes dos demais escritores de sua época, justamente por criar personagens e romances psicológicos que forneciam outro viés de atuação na sociedade, uma vez que Machado de Assis desenvolveu uma história em que as personagens femininas buscam outros caminhos para suas vidas, diferentes daqueles tradicionalmente impostos pelo meio social. As mulheres em *Iaiá Garcia* são dotadas de força, coragem e, na maioria das vezes, buscam alcançar seus objetivos de acordo com seus próprios meios, ou, quando não o conseguem, optam pela saída que seja melhor para todos – como Estela o fez ao se casar com o homem que não amava.

Machado é um autor que, a partir de sua experiência de vida e da realidade onde vivia, lança um olhar sério e crítico sobre questões relacionadas com o ser e o parecer de todas as épocas.

O autor não se prendia às convenções da escrita, buscava sempre mais melhorar

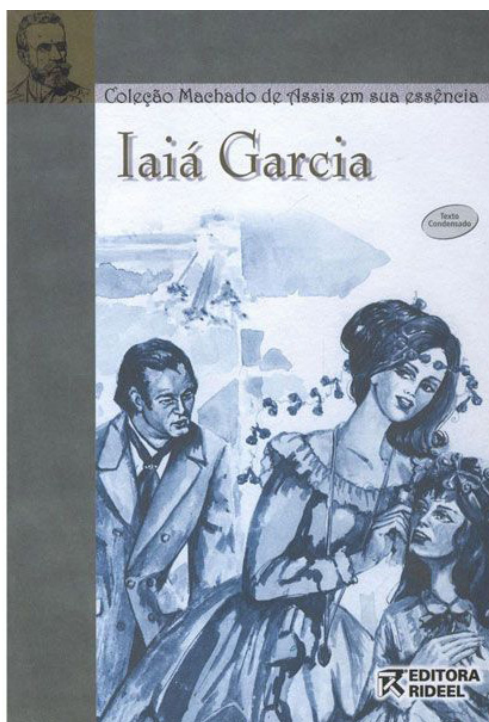


Figura 3. Ilustração dos personagens do romance *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis.

suas histórias e, para isso, atribuiu um papel de grande importância à figura feminina em suas obras. Segundo Solange Fernandes, “as personagens femininas sempre tiveram um lugar de destaque nas obras de Machado de Assis, não como heroínas, mas como mulheres complexas e instigantes” (FERNANDES, 2005, p. 66).

Após todas as mudanças na sociedade da época, com atribuição de novos papéis à mulher, observaremos, de acordo com a análise das personagens Valéria, Estela e Iaiá, o reflexo dessa mudança no comportamento das mesmas. Abordar a mulher em Machado de Assis significa, entre outras coisas, analisar a forma como a abordagem literária se preocupou no contexto do século XIX em representar a figura feminina (FUNCK, 2011).



Valéria: figura matriarcal

Valéria, assim como outras personagens de Machado de Assis, retrata certos preconceitos e convenções da sociedade na qual está inserida. Seu papel no enredo da obra é de suma importância, pois é através de suas ações que o autor critica os valores de uma sociedade preconceituosa, hipócrita, cujas relações sociais se pautam sob um sistema capitalista, que se formava no início do século XIX.

As características dessa personagem apresentadas no decorrer narrativa são, de certa forma, moldadas de acordo com o comportamento social vigente na época em que o romance se situa. De alguma forma, as personagens de *Iaiá Garcia* são legitimadoras de um estereótipo feminino previsto pela mentalidade social. Ou seja, naquele período ser mulher era submeter-se ao poder patriarcal, pelo qual a sociedade era pautada. Para corroborar com a ideia explicitada anteriormente, Susana Funck (2011) considera que, “muito provisoriamente, eu diria que uma mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles” ((FUNCK, 2011, p. 67).

Para entendermos o comportamento de Valéria é preciso lembrar que naquela época os casamentos eram realizados “por interesse” e que pessoas de classes sociais distintas não costumavam se relacionar matrimonialmente. Por isso, o estereótipo de vilã talvez não seja o ideal para caracterizá-la, já que suas atitudes e ações não eram mal intencionadas, mas sim, de acordo com os padrões sociais vigentes do meio no qual ela estava inserida. É nesse aspecto que reside a grande crítica do romance: as ações feitas pelas personagens com o fim de manter (ou alcançar) o status social.

Na história, uma das funções de Valéria, enquanto chefe de família, era a de garantir um bom casamento para o filho, Jorge. Para isso escolheu a moça, que a seu ver, era perfeita: Eulália, uma parenta, que além de já ser próxima da família, deveria ter dinheiro ou ao menos contribuiria com uma boa posição social para seu filho, o que, naquele período, significava um dos principais requisitos para a realização de um bom casamento. Exatamente pela ausência desses requisitos é que fizeram com que Valéria repugnasse a ideia de matrimônio entre Jorge e Estela, a agregada da casa. Embora Valéria tivesse carinho por Estela, jamais permitiria sua união com Jorge, pois como ele



mesmo reconhece no capítulo V, sua mãe Valéria considerava Estela indigna de si.

Para manter essa estabilidade familiar, ou seja, evitar o relacionamento entre Jorge e Estela, Valéria primeiramente cogita a idéia do casamento de Jorge com Eulália, depois sugere uma viagem para a Europa, mas como nada disso surte efeito, devido à paixão de seu filho por Estela, ela sugere que ele se aliste como voluntário na guerra do Paraguai. E, para alcançar seu intento, pede a Luís Garcia que convença seu filho, justificando-se da seguinte forma:

Eu creio que é chegado o momento de fazerem todas as mães um grande esforço e darem exemplos de valor, que não serão perdidos. Pela minha parte trabalho com o meu Jorge para que vá alistar-se como voluntário; podemos arranjar-lhe um posto de alferes ou tenente; voltará major ou coronel (ASSIS, Machado de, 1997, p. 10).

Ao zelar pela família, Valéria é capaz de fazer qualquer coisa para o “bem” do seu lar, mesmo que precisasse mentir ou manipular alguém, como fez com Luís Garcia. Já que ele se esquivava de fazer-lhe tal obséquio, Valéria vê-se sem saída e mente ao sugerir que o motivo era bastante forte, pois se tratava de um amor do filho por uma mulher casada.

- Sejamos francos, disse Luís Garcia ; seu filho cede, mas cede violentado e não vejo que se possa fazer dele um herói. Que motivo tão forte a obriga a exigir desse moço um sacrifício superior a suas posses? Valéria não respondeu.
- Sei o motivo, disse ele daí a um instante.
- Sabe?
- Suspeito; e se me permite ser franco, direi que acho singular, pelo menos não há proporções entre a causa e o efeito. Seu filho ama. Trata-se de uma mulher de certa espécie?
- (...)
- Suponha... que se trata... de uma mulher casada? (ASSIS, 1997, p. 18).

Algum tempo após a partida de Jorge para a Guerra, Valéria vê-se obrigada a encaminhar Estela para um casamento. Seu intuito era evitar que, com a volta de Jorge pudesse acontecer o que ela temia. Então, com o apoio de Valéria e devido a sua aproximação com Iaiá, que lhe dedicava muito carinho e esse era recíproco, Estela casa-se com Luís Garcia. Apesar de não querer contrair novas núpcias, Luís Garcia é convencido por



Valéria e por sua filha que, mesmo inconscientemente, contribui para a realização da união.

A presença de Valéria é breve no romance, pois a personagem morre no capítulo cinco. Entretanto, é uma figura ativa na obra e que, de forma inteligente e sutil, impede a união entre seu filho e Estela, manipulando-os interesseiramente. Entretanto, a personagem revela-se, paralelamente às suas atitudes interesseiras, como sendo uma grande vítima de sua geração, da mentalidade patriarcalista e dos costumes da época.

Estela: moral *versus* dissimulação

Estela é a personagem de maior destaque na obra. É ela quem articula a trama garantindo o bem estar daqueles com quem convive, além de metaforizar a moral e os sentimentos periféricos que vão de encontro as suas concepções: o preconceito, o orgulho e a violação do desejo.

Estela foi morar com Valéria aos dezesseis anos a fim de cumprir a vontade do pai. A jovem agregada torna-se uma boa companhia para a viúva a quem nutre um sentimento de carinho e, sobretudo, gratidão. Valéria tem um filho, Jorge, por quem a moça se apaixona e é correspondida. As diferenças que os cercavam eram muitas aos olhos da amarga senhora que, para separá-los, o convence a partir e lutar na guerra do Paraguai, e em seguida, casa Estela com Luís Garcia. Esse, por sua vez, era um viúvo solitário, tem como único amor a filha Iaiá (Lina). O casamento com Luís oferecia a Estela segurança e conforto, além de ir ao encontro dos seus valores. Com o desenrolar da trama, Iaiá desconfia do amor entre Estela e Jorge, e, com o intuito de afastá-los, decide-se casar com o rapaz recém chegado da guerra. Porém, antes de tal ato, Luís Garcia falece o que torna o casamento sem sentido. Ainda assim, por incentivo de Estela – percebendo em Iaiá um amor verdadeiro pelo rapaz – o casamento ocorre, dando fim a um amor que poderia ter acontecido.

Estela é descrita pelo narrador já apresentando um caráter dualista no qual oscilam uma moça cândida, feminina e romântica em oposição a uma mulher madura, austera e racional, o que confere à personagem um certo realismo que precedeu a criação das personagens Virgília e Capitu, dos romances Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro, respectivamente:



A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas, e certo ar de resolução que lhe transparecia no rosto quieto e pálido. Pálida era, mas sem nenhum tom de melancolia ascética. Tinha os olhos grandes, escuros, com expressão de virilidade moral, que dava á beleza de Estela o principal característico. Uma por uma, as feições da moça eram graciosas e delicadas, mas a impressão que deixava o todo estava longe da meiguice do sexo (ASSIS, 1997, p. 24).

Após essa descrição apreciativa, são apresentados aos leitores os traços negativos da jovem que a eximem do papel de heroína romântica em virtude da sua personalidade forte e verossímil: “[...] Era orgulhosa, tão orgulhosa que chegava a fazer da inferioridade uma auréola; [...] simples agregada ou protegida, não se julgava com o direito a sonhar outra posição superior e independente” (ASSIS, 1997, p. 27).

Há três momentos-chave na narrativa em que o prevalecer desta personalidade orgulhosa e embutida de fortes valores morais, conduzem as ações e os destinos de outrem: quando Estela decide se afastar de Jorge; ao aceitar o casamento com Luís Garcia; ao incentivar o casamento de Iaiá e Jorge. Nestas três passagens, Estela assume a sua condição de “eterna agregada”, abrindo mão de sua felicidade para que se cumprisse “a norma”, “a moral”. Ao mesmo tempo, é interessante notar que tais ações não devem ser entendidas como o sacrifício da mulher romântica já que Estela, ao longo da narrativa, se desvencilha da sua ternura de moça construindo um perfil realista da mulher do final do século XIX. Uma mulher dotada de densidade psicológica, em que submissão, orgulho, moral, racionalismo, romantismo, sociedade e cultura se fundem, dificultando análises superficiais.

Outra característica interessante é a dissimulação. Em *Iaiá Garcia*, as personagens femininas cometem a dissimulação praticamente o tempo todo, inclusive Iaiá quando se torna “mulher” e forja o casamento com Jorge para restituir a dignidade ao pai. Estela herda de Valéria esse jogo de dissimulação, sendo, através dele, capaz de organizar toda a trama:

No meio de semelhante situação, que sentia ou pensava Estela? Estela amava-o. No instante em que descobriu esse sentimento em si mesma, pareceu-lhe que o futuro se lhe rasgava largo e luminoso; mas foi só nesse instante. Tão depressa descobriu o sentimento, como tratou de



o estrangular e dissimular, - trancá-lo ao menos no mais escuro do coração, como se fora uma vergonha ou um pecado (ASSIS, 1997, p. 26).

Embora não se saiba o porquê desta atribuição de Machado a suas personagens femininas, sendo os homens representados em sua maioria como virtuosos e seguidores da ordem, o fato é que a dissimulação já se fazia presente antes da criação da personagem Capitu e da publicação de *Dom Casmurro*. A personagem Estela tramita entre o limiar da moral e da dissimulação, nos levando assim a louvar a criação Machadiana que nela explora, também, todo o lado psicológico.

Iaiá GARCIA: o desabrochar de uma mulher

As três personagens da obra de *Iaiá Garcia*, Lina (Iaiá Garcia), Valéria e Estela, são personagens muito diferenciadas, o que torna muito interessante o levantamento de suas características.

Lina, carinhosamente chamada de Iaiá, é inicialmente apresentada pelo narrador da obra como uma criança travessa, inocente e risonha:

Era alta, delgada, travessa; possuía os movimentos súbitos e incoerentes da andorinha. A boca desabrochava facilmente em riso – um riso que ainda não toldava as dissimulações da vida, nem ensurdecia as ironias de outra idade (ASSIS, 1997, p. 15)

O emprego da expressão “ainda” pelo narrador do texto parece nos antecipar o caminho que Iaiá seguirá no decorrer da narrativa.

Iaiá é uma personagem que como o próprio narrador descreve “não toldava as dissimulações da vida” (ASSIS, 1997, p. 15), ou seja, possuía a inocência pueril; uma figura com sua vida cercada e vivida a partir do amor filial, no desenrolar de toda a história a vida de Iaiá será para seu pai assim como a dele para ela.

A inocência infantil de Iaiá se revela, por exemplo, quando ela ganha de seu pai um piano e a alegria momentânea dá lugar rapidamente a uma tristeza pelo sacrifício realizado por ele.



Iaiá viu o piano, que o pai lhe foi mostrar, sua alegria foi intensa, mas curta... Entre duas notas, Iaiá parou, olhou para o pai, para o piano, para os outros móveis; depois descaiu-lhe o rosto... Lembrava-se ela, (...), das palavras que proferira e do gesto que fizera, (...); por ela explicou a existência do piano; comparou-o, tão novo e lustroso, com os outros móveis da casa, modestos, usados, encardida a palhinha das cadeiras, roído do tempo e dos pés um velho tapete, contemporâneo do sofá. Dessa comparação extraiu a idéia do sacrifício que o pai devia ter feito para condescender com ela idéia que a pôs triste, ainda que não por muito tempo, como sucede as tristezas pueris (ASSIS, 1997, p. 7).

Como nos dirá Thomaz Pereira de Amorim Neto em seu trabalho intitulado *Moral e Dissimulação em Iaiá Garcia*:

O que se mostra importante neste breve trecho é a presença de uma palavra-chave da narrativa de *Iaiá Garcia*. Palavra que constitui o verdadeiro palco da discussão nesta obra: a moral. Percebe-se que desde cedo (a personagem contava nessa época com onze anos de idade) Iaiá compreende a “dor moral” que o pai tem de sofrer, para que possa lhe dar educação e conforto. O romance trata, portanto, da aprendizagem de Iaiá em um novo mundo: o mundo da tensão entre o social e o natural, mediante o jogo imposto pelo narrado acerca da moral (AMORIM NETO, s/a, p. 4).

O mesmo autor acresce “Em *Iaiá Garcia*, o campo semântico da dissimulação somente aparecerá em áreas de tensão no universo feminino, entendido aqui como o âmbito do sentimental e das controvérsias entre as personagens” (AMORIM NETO, 2008, p. 2).

Primeiramente, Iaiá mente ao Procópio Dias, dizendo ter por ele estima e o faz acreditar na possibilidade de se envolverem em matrimônio, mas tudo não passa de gracejos da moça que se ri e zomba dele. Ela faz Procópio acreditar num romance entre eles, como se observa na passagem:

Há ocasiões em que sua familiaridade comigo chega quase à sedução. Talvez exagero; mas que hei de pensar de uma moça que me pede instantemente que vá lá, em certo dia, com um modo grave e cheio de promessas? digo-lhe sim vou, recebe-me com um epigrama, ri-se de mim, abusa da complacência e não sei se do amor, porque, conquanto não lhe haja dito nada, acho natural que ela o tenha descoberto nos



meus olhos. Se fico despeitado e resolvido a não voltar lá, ela torna-se mansa, como uma pomba, carinhosa, macia, e o meu despeito evapora-se, e eu continuo a minha viagem interminável (MACHADO, 1997, p. 99).

Posteriormente, ao ler uma carta de Jorge à Estela e crer numa traição de ambos ao seu pai, uma vez que Jorge era estimado amigo e Estela a mulher a quem seu pai tanto respeitava, Iaiá irou-se e teve um acesso de fúria, após sua madrastra lhe dirigir uma pergunta: “Iaiá sentiu ferver-lhe o sangue nas veias. / - Minha mãe morreu, redarguiu com igual sequidão; estou pronta a obedecer a meu pai” (MACHADO, 1997, p. 121).

No episódio da casa de Maria das Dores, Iaiá mente pela primeira vez dizendo ser o Jorge seu noivo:

Maria das Dores, doente de uma paralisia, ficou estupefata quando viu entrar um desconhecido pela mão de Iaiá, interrogou a moça com os olhos, e Iaiá, depois de um instante de acanhado silêncio, respondeu com desgarre:

— É meu noivo, que vem vê-la. Quero que o conheça e não diga nada a ninguém, ouviu? (MACHADO, 1997, p. 125).

Aparentemente, esse apresenta-se apenas como um ato infantil, porém, percebe ser um ato de dissimulação e calculismo, uma vez que a real pretensão de Iaiá naquele momento era conversar mais próximo de Jorge, o que não era de bom grado para uma moça e um rapaz, salvo serem estes noivos. Ela pretendia confirmar suas suspeitas sobre ser Estela a mulher que levava Jorge à guerra, devido ao grande amor que este sentia. Iaiá resolve então fazer o possível para casar-se com Jorge e assim salvar o casamento de seu pai e Estela.

Mais que uma proteção descabida ao seu pai contra qualquer coisa que o ferisse na alma, Iaiá estava sentindo o amor brotar-lhe no coração, mas por conhecer até o momento apenas o amor filial, a presença deste novo sentimento causa-lhe transtorno e dúvidas. “Se me pergunta a quem amo, digo-lhe que não sei não amo ninguém; mas sinto alguma coisa misteriosa e esquisita, e não sei... desconfio... não sei que seja ” (MACHADO, 1997, p. 121).

A descoberta deste sentimento novo e também a proteção aos sentimentos de seu pai será a causa de “mentirinhas” e um calculismo interesseiro.



Iaiá entrou na casa da doente.

-Seu noivo?Disse esta.

-Já foi.

-Quando é o casamento?

-O dia não sei.E depois de uma pausa: - Mas que se há de fazer é certo ou eu não sou quem sou (MACHADO, 1997, p. 131).

Nota-se nas últimas palavras de Iaiá certo tom de maldade, agora ela passa a dissimular, não existe mais a pureza infantil. Apesar das palavras de o narrador classificarem Iaiá como uma menina ingênua e pura, seria possível crer na dissimulação de Iaiá com sua madrastra, pois sabia do amor que Estela tentava esconder por Jorge.

Ao final da narrativa, Iaiá consegue seus objetivos: seu pai acaba por falecer desconhecendo ser Estela, sua esposa, a amada de seu amigo Jorge; e consegue casar-se com Jorge, com sua madrastra, tida como sua “rival” nos planos amorosos, bem longe, pois ao fim do romance, ela seguirá sua vida em outra cidade.

Apesar de Iaiá Garcia ser a personagem que dará título à obra, ela não é a personagem que nos apresenta como a principal para o decorrer da trama. Seu apego à Estela influenciará o casamento entre essa e o pai, Luís Garcia, mas será Estela, em contrapartida, com seu orgulho e interesse, que poderá impedir a união entre Jorge e Iaiá, e a possibilidade de o casal viver um grande amor – essa tensão marca e exerce influência em toda a história do romance .

Considerações finais

No decorrer da obra, Machado apresenta três mulheres de personalidade e caráter fortes, que com o objetivo de manter a moral e os interesses familiares, se mostram manipuladoras, dissimuladas, capazes de qualquer coisa para atingir seus objetivos. Isso ocorre devido ao fato de essas mulheres estarem alijadas num contexto opressivo, suas atitudes e comportamentos deveriam, de alguma forma, dar continuidade ao que lhes era imposto. Como legitimadoras da opressão, elas se sujeitavam ao comportamentos que lhes eram impostos. Tal submissão não remete a falta de vontade própria e perspectivas referente a essas mulheres, mas sim porque a elas só cabia atuar no cenário social daquela maneira.aceitando os comportamentos socialmente definidos.



Três mulheres psicologicamente distintas, Valéria a grande matriarca manipuladora, Estela a agregada que aparentemente é simples e quieta, mas que consegue delinear o caminho que deseja para todo o decorrer da trama e Iaiá uma menina travessa que se transformou em mulher a partir do momento que se viu ameaçada e que tenta manipular a trama, mas com a morte do pai e sem ter mais a quem proteger, quer deixar o seu objeto de disputa de lado e, somente, por intervenção da madrasta ela conclui seus planos iniciais.

Vale ressaltar que antes mesmo da personagem Capitu, Machado de Assis já atribuía a característica de dissimulação às mulheres. Na obra em questão, pudemos observar que a dissimulação é um “pré-requisito” para o afloramento feminino - a partir do momento em que passa a dissimular, uma menina se transforma em mulher -, fato que pode ser comprovado quando a personagem Lina Garcia (Iaiá) só foi considerada uma mulher, a partir do momento em que passou a dissimular, isto é, a partir do momento em que aprendeu a equilibrar a transição entre a dissimulação e a submissão, sempre a favor de seus interesses, de suas vontades.

Esses sentimentos que existem nessas três personagens podem, a princípio, causar a impressão de que há um pressuposto do qual essas mulheres eram frias, insensíveis, interesseiras, etc. De certa forma, *Iaiá*, *Valéria* e *Estela* podem até se mostrar portadoras de tais caracteres; no entanto, há que se considerar que tanto a frieza quanto os interesses, constituem-se em mecanismos de sobrevivência, mecanismos que também revelam a humanidade que reside nelas. A dissimulação em *Iaiá Garcia* mostra-se, portanto, como um fator que caracteriza a sabedoria e a perspicácia feminina, não no sentido deturpador da imagem da mulher, mas como elemento capaz de revelar o alcance de sua inteligência, num recurso de sobrevivência ao meio social em que está inserida.

Fontes das Imagens

Figura 1. ASSIS, Machado. In: *Vidrágua*. Disponível em: http://www.vidraguas.com.br/wordpress/wp-content/machado_de_assis.jpg. Acesso em: 20/12/2011.



Figura 2. ASSIS, Machado. Iaiá Garcia. In: *Itunes*. Disponível em: <http://a3.mzstatic.com/us/r1000/086/Purple/cb/5e/e5/mzl.drxjkmdx.320x480-75.jpg>. Acesso em: 20/12/2011.

Figura 3. ASSIS, Machado. Iaiá Garcia. In: *Terra do Saber*. Disponível em: <http://www.terradosaber.com/capas/674/8533901674.jpg>. Acesso em: 20/12/2011.

Referência bibliográfica

ALVES, Branca M.; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo?* – São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

AMORIM NETO, Thomaz Pereira de. *Moral e Dissimulação em Iaiá Garcia*. Disponível em: < www.idelberavelar.com/abralic/trabalhos/ThomazAmorim.doc>, acesso em 24/09/2008.

ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. 4ª ed. São Paulo, SP: Ática, 1981.

BOSI, Alfredo. *Entrevista sobre Machado de Assis*. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/mestres/PDF/Revisão-T.machado-Alfredo%20Bosi.pdf> > Acesso em: 20/09/2008.

COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*. – São Paulo: Siciliano, 1993.

D'INCARO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: ENGEL, Magali G. *Imagens femininas em romances naturalistas brasileiras*. Rio de Janeiro: Xenon editora, s/ano.

FERNANDES, Solange Catarina Felipe et FERNANDES, Marcos Rogério Cordeiro. O perfil social das personagens femininas nas obras de Machado de Assis. In: *Gláuks – Revista de Letras e artes*. Vol 5. Viçosa, Jul/ Dez, 2005.

FUNCK, Susana Bornéo. O que é uma mulher? *Cerrados: Revista/do programa de Pós-Graduação em Literatura*. – Vol. 1, nº 1 (1992)/. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 1992.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.



PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno de gênero e feminismo. In: COSTA, C. del.; e SCHMIDT, S. P. (Orgs). *Poéticas e Políticas Poéticas e Políticas Feministas*. Santa Catarina: ed.Mulheres, 2004, p. 43-66.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

Recebido em dezembro de 2011
Aprovado em abril de 2012.
Arte: Nízea Coelho